

**Os tanques de guerra sobem o morro:
a cobertura fotográfica da invasão militar na Vila Cruzeiro e
Complexo do Alemão pela *Folha de S. Paulo* em 2010**

Lucas de Toledo MARTINS¹

Resumo

Este trabalho intenciona analisar criticamente a cobertura fotográfica realizada pela *Folha de S. Paulo* entre os dias 25 de novembro e 2 de dezembro de 2010, referente ao cerco e invasão militar da Vila Cruzeiro e do Complexo de favelas do Alemão. Através da análise das fotografias veiculadas nas capas, percebemos que o jornal simplifica e generaliza a questão da segurança pública no Rio de Janeiro, restringindo uma conjuntura social complexa a “caso de polícia”. As estratégias discursivas das imagens se pautam, sobretudo, no efeito emocional do choque. A maneira como o jornal apresenta os fatos imagetivamente, a “contar uma história com começo, meio e fim” reafirma o jornalismo como um campo ideológico, neste caso, consonante aos interesses do poder estatal e das elites.

Palavras-chave: Folha de S. Paulo. Fotografia. UPP. Rio de Janeiro.

Abstract

This work intends to critically analyse the photograph coverage made by *Folha de São Paulo* between November 25 and December 2 in the year 2010 Concerning the siege and military invasion of Vila Cruzeiro and Complexo do Alemão slum. Through analysis of the photographs conveyed the covers, we noticed that the paper simplifies and generalizes the issue of public security in Rio de Janeiro, restricting a complex social situation to a "police case". The discursive strategies of the images are guided primarily in the emotional effect of the shock. The way the paper presents the facts imagetically, to "tell a story with a beginning, middle and end" reaffirms journalism as an ideological field, in this case, in line with the interests of state power and the elites.

Key-words: Folha de S. Paulo. Photograph. UPP. Rio de Janeiro.

¹ Mestre em Comunicação Visual pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: martins.luccas86@gmail.com.

Introdução

“Esta imagem é fundamental”, afirmou o âncora do principal canal de notícias do país, por volta das três horas da tarde, no dia 27 de novembro de 2010. “Nós estamos vendo os bandidos da Vila Cruzeiro fugindo neste momento”, completava, “narrando” imagens aéreas, que poderiam ser confundidas com o sucesso de público no cinema, *Tropa de Elite*. Embora este artigo não concentre suas atenções no espetáculo imagético televisivo durante a ação no Complexo do Alemão pelos militares, é importante nos questionarmos: Qual imagem é fundamental? Ou ainda, a imagem é fundamental?

Na busca por ensaiar respostas a estas e outras perguntas, este artigo considera a comunicação, e mais especificamente, as dez fotografias veiculadas na capa da *Folha de S. Paulo*, entre os dias 25 de novembro e 2 de dezembro de 2010, que tratam do fato mencionado acima, quando a polícia do Rio de Janeiro armou uma grande operação de “invasão e ocupação” da Vila Cruzeiro e do Complexo do Alemão, em resposta a possíveis ações do tráfico contra a instalação das UPP’s (Unidades de Polícia Pacificadora), projeto este que estava em situação de implantação no estado desde 2008 e que se caracteriza pela instalação de postos policiais permanentes nas favelas cariocas.

As fotografias nas capas da *Folha* nesse período acabaram configurando-se como um espaço e um discurso ideológico. Além da criminalização da favela, é notável a simplificação realizada por um dos principais jornais do país sobre a segurança pública no Rio de Janeiro, que descontextualiza questões inerentes à violência nos morros, como a urbanização desordenada e a intensa desigualdade social, inerentes a atual estruturação econômica.

Um pouco mais de três anos depois desse episódio, com a consolidação da política que implantou as UPP’s no Rio de Janeiro, as tensões e contradições, ocultadas no discurso da *Folha de S. Paulo* em 2010, tornaram-se evidentes: diversos casos de denúncias contra policiais, dos quais é emblemático o caso Amarildo², um ajudante de

² Ver: VIGNA, Anne. Amarildo: a história do pedreiro desaparecido após ser detido em UPP. **Terra**. 30 jul. 2013. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/brasil/cidades/amarildo-a-historia-do-pedreiro->

pedreiro que desapareceu após ser preso na UPP da Favela da Rocinha, em Julho de 2013; o aumento de registros de tiroteios e ataques a policiais³; além de manifestações dos moradores contra as UPP's e a polícia em diversas favelas⁴.

Podemos dizer – considerando a trajetória dessa política de Estado e o discurso construído e apoiado pela mídia – que estes eram conflitos anunciados. Acreditamos que a análise da cobertura da *Folha de S. Paulo* em 2010, dos momentos iniciais dessa política estatal no Rio de Janeiro, além de ser uma maneira de historicizar um evento recente, também nos permitirá perceber as fissuras e o esvaziamento presentes no discurso que apoiou a ocupação das favelas, e que se revela hoje reiteradamente simplista.

Em sua estratégia que esvaziou o caráter político da atuação do Estado através da repressão policial, a *Folha* utilizou-se de uma narrativa linear de modo a criar um imaginário maniqueísta, segundo o qual a atuação do Estado através da força seria necessária e capaz de entregar a paz ao Complexo do Alemão. Estas fotografias não só afirmaram que no Brasil não há um conflito de classes, mas que os brasileiros precisavam livrar-se do tráfico, não importando os métodos utilizados.

Dando corpo metodológico ao trabalho e servindo de base para as análises das fotografias, consideramos úteis os pressupostos contidos na Teoria da Intencionalidade, proposta por Paulo César Boni (2000), assim como o conceito de iconologia trabalhado por Boris Kossoy (2001) em “Fotografia e história”. Para dar conta da temática do flagrante e seus efeitos interpretativos nos apoiamos, a partir da Teoria da Comunicação, na ideia de funções da linguagem, como revela Samira Challub (2002). A pergunta que configura o foco deste trabalho é: que estratégias discursivas no signo fotográfico a *Folha de S. Paulo* se utilizou para obscurecer todo o contexto de exclusão

desaparecido-apos-ser-detido-em-upp,7f0a8e609df20410VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html>.

Acessado em: 10 Abr. 2014.

³ Ver: TIROTEIO assusta moradores do Complexo do Alemão. **G1**. 9 Abr. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/04/tiroteio-assusta-moradores-do-complexo-do-alemao-no-rio.html>>. Acessado em: 15 Abr. 2014.

⁴ Um exemplo está em: GRANJA, Patrick; CHALITA, Guilherme. RJ: Moradores se levantam contra UPP na favela do Jacarezinho. **A nova Democracia**. Disponível em: <<http://www.anovademocracia.com.br/no-108/4661-rj-moradores-se-levantam-contru-upp-na-favela-do-jacarezinho>>. Acessado em: 15 Abr. 2014.

social e política, enraizado na gênese das favelas no Rio de Janeiro, defendendo a ideia de que problemas sociais são apenas “casos de polícia”?

A gênese da favela carioca e seu contexto

Como é possível desmistificar a ideia de que a invasão militar no Complexo do Alemão foi uma decisão acertada e, antes de tudo, necessária, no intuito de por fim ao tráfico de drogas? Como problematizar a favela, como um dos diversos sintomas inerentes a desigualdade social na história da construção do país, mantendo-se longe dos estereótipos e preconceitos reafirmados pela mídia? As imagens são “claras”, ou assim pretendem ser, quando o objetivo é caracterizar o morro como espaço de violência, bandagem e completo desapego a valores morais. Aliás, esta concepção está presente desde o início das casas de madeira em morros no Rio de Janeiro.

Em cinco de julho de 1909, o jornal *Correio da Manhã* escreveu sobre o Morro da Favela:

“É o lugar onde reside a maior parte dos valentes da nossa terra, e que, exatamente por isso – por ser o esconderijo da gente disposta a matar, por qualquer motivo, ou, até mesmo, sem motivo algum –, não tem o menor respeito ao Código Penal nem à Polícia, que também, honra lhe seja feita, não vai lá, senão nos grandes dias do endemoninhado vilarejo” (apud MATTOS, 2007).

Como resultado de uma urbanização desigual, imposta de maneira a favorecer as elites do Rio, as favelas resultam da perseguição e conseqüente quase extinção dos cortiços. Embora este modelo de habitação popular tenha sido considerada como promotora do crime desde meados do século XIX, foi nos primeiros anos de 1900 que a crise estourou. “Isto se deu em virtude das transformações desencadeadas pela decadência da cafeicultura no Vale do Paraíba, pela abolição da escravatura e pelo desenvolvimento do processo de industrialização – ainda que este último fosse incipiente” (MATOS, 2007).

Ex-escravos e europeus se concentraram no Rio de Janeiro, o que levou sua área central a um inchaço populacional, agravando a situação na qual se inseria os

cortiços. Com a destruição do maior deles, conhecido como “Cabeça de Porco”, no contexto de modernização e higiene pública proposto por Candido Barata Ribeiro, primeiro prefeito do Rio de Janeiro em 1893, alguns de seus moradores “caminharam então poucos metros até o Morro da Providência, onde levantaram novas moradias” (MATOS, 2007).

A palavra “favela” só começou a ser utilizada para nomear as moradias situadas nos morros, após parte dos soldados que combateu na Guerra de Canudos, mais especificamente no Morro da Favela, “conhecido por sua forte resistência as forças imperiais” (VALLADARES, 2000, p.9) se instalarem na Providência. Favela também denomina a planta resistente e que provoca irritações ao contato com a pele, que existia nos morros baianos e cariocas.

Com as reformas urbanas idealizadas por Francisco Pereira Passos, o Rio de Janeiro intencionava ser uma cidade moderna, a partir de moldes europeus. O alargamento de avenidas e a abertura de tantas novas, fez com que os cortiços remanescentes fossem pouco a pouco sucumbindo, restando para seus moradores, apenas as opções de deixar a cidade ou ocupar os morros.

Em 1940, durante o Estado Novo, a primeira política habitacional voltada às camadas mais pobres da população se configurava através dos parques proletariados, que receberam cerca de oito mil moradores das favelas.

Os mecanismos de controle nesses locais eram notáveis. Além da exigência de atestado de bons antecedentes, seus moradores eram identificados por meio de cartões. Apesar de os parques proletários terem sido concebidos como provisórios, sua população só foi expulsa décadas mais tarde, quando as áreas ao seu redor se valorizaram no mercado imobiliário. (MATTOS, 2007).

Durante os anos de chumbo da Ditadura Militar a repressão à favela e seus moradores atingiu seu máximo em violência e arbitrariedade. “Entre 1962 e 1974, foram 80 favelas atingidas, 26.193 barracos destruídos e 139.218 habitantes removidos. Em anos de ditadura militar, líderes favelados foram torturados e assassinados”. (MATOS, 2007).

Com a re-democratização e o avanço em níveis mundiais do neoliberalismo, uma nova leva de homens foi levada aos morros.

Esse crescimento mais vertiginoso faz-se ainda mais visível a partir da década de 1980 [...] Alto índice de desemprego, crescimento da informalidade, especulação imobiliária, falta de política habitacional para população de baixa renda e sistema de transportes coletivos precário são apenas alguns exemplos dos motivos para o crescimento das favelas no Brasil e especificamente no município do Rio de Janeiro. (ÁLVARO, 2009, p.2).

Feito um breve resgate histórico da favela no Rio de Janeiro, considerando aspectos políticos, econômicos e sociais, a crítica ao posicionamento da *Folha de S. Paulo* se delinea dentro do campo de debate ideológico. A *Folha*, ao apresentar a invasão militar no Complexo do Alemão como uma divisora de águas no combate ao tráfico de drogas e a violência, colabora com o posicionamento autoritário e repressivo ante as camadas subalternas – repetindo uma prática de manipulação da opinião pública através da ideologia existente na imprensa burguesa brasileira há quase cem anos.

Vitoriosa principalmente na imprensa escrita e nos telejornais, a associação entre violência e favelas se explica pela simplificada noção de que pobreza gera violência, quando, na verdade, esta tem origem na desigualdade social, na dinâmica de produção de riqueza. O que ocorre nas favelas é apenas a parte mais visível de um processo. (MATTOS, 2007).

O ciclo do fogo: uma construção narrativa

No intuito de organizar as análises a seguir, este trabalho procura situar as dez fotografias veiculadas na capa da *Folha de S. Paulo* em três grupos. Esta divisão reflete a maneira como o próprio jornal construiu uma história (com começo, meio e fim) através das imagens. Desta forma, em um primeiro momento, temos as fotografias pertencentes à premissa, ou motivo gerador do conflito, em que a estética do flagrante e do foto-choque é o que dá o tom, chamando a atenção do leitor e procurando, ao mesmo tempo, provocar uma interpretação automática do contexto. O foto-choque gera a ideia de que o Estado e a sociedade foram atacados pelos traficantes, e que, por isso, uma ação enérgica deve ser tomada, a fim de trazer “a paz de volta” ao Rio de Janeiro.

No grupo seguinte, a estética do choque no fotojornalismo cede lugar a um tipo de imagem que tem na construção de seu discurso um cuidado maior com a disposição dos significantes. Primeiramente, há o clima de tensão antes do “decisivo” confronto com os agentes do tráfico, para em seguida as fotografias afirmarem uma “vitória” do Estado. O fato é encerrado pela *Folha de S. Paulo* com imagens que comprovam a eficácia do poder de polícia do Estado, mostrando as apreensões de drogas e armas, mesmo que para isso alguns moradores tenham que amargurar a perda de bens particulares, o que encerra o momento final do discurso.

Choque e a legitimação do conflito

Figura 1 – Início do ciclo



Bombeiros tentam apagar fogo de ônibus em Mesquita, na região metropolitana da cidade

Fonte: Folha de S. Paulo. 25 de novembro de 2010.

A primeira imagem mostra a ação do Corpo de Bombeiros combatendo um dos pontos de incêndio em automóveis ocorridos no Rio de Janeiro e sua região metropolitana. A dupla trabalha para que as chamas que já consumiram o ônibus não causem nenhum dano maior. Temos a ideia de um bem público afetado pela suposta ação dos agentes do tráfico de drogas. O Estado, mas também a sociedade, em primeiro lugar, sofre um ataque que vem do crime organizado.

Nesta, e na maioria das demais fotografias analisadas, a tomada em plano médio será corriqueira, isto por que:

[...] o Plano Médio pressupõe a interação equilibrada e harmônica do homem com o ambiente. Em razão da proximidade de tomada, evidencia importante riqueza de detalhes dos elementos fotografados. Apresenta, assim, altíssimo poder descritivo. A interação homem-ambiente e o altíssimo poder descritivo fazem deste o plano mais usado no fotojornalismo. (BONI, 2000, p. 68).

A composição, um elemento sempre relevante a cerca da intencionalidade do fotógrafo, muito em parte por sua característica de escolher e organizar os elementos representativos no quadro, sugere o “uso” da regra dos terços e da perspectiva. A primeira se dá nesta imagem com o posicionamento no quadro dos bombeiros e das chamas. Esta escolha enfatiza a descrição da ação empreendida, bem como seu movimento. Sobre a perspectiva, que quando “bem trabalhada provoca no leitor a impressão de um mergulho no interior da fotografia” (BONI, 2000, p. 80), podemos ter a condução do olhar através a linha que se forma com a profundidade entre as chamas e os bombeiros.

Como um elemento integrante da estética do flagrante, a noção de movimento está presente nesta imagem, na medida em que vem a corroborar com a intenção do choque e/ou a máxima do “estar no lugar certo, na hora certa”. “Normalmente prima pela informação em detrimento da plasticidade. Em razão da carga informativa, exige dinamicidade de raciocínio por parte do leitor. É muito utilizada no jornalismo” (BONI, 2000, p. 89).

Sobre os elementos de significação, o principal nesta imagem é o fogo. Dentro do universo da cultura ocidental, o fogo simboliza a morte ou o fim de algo, porém também é visto como integrante de um processo de renovação, ressurgimento, materializado na cultura helênica na figura da ave mitológica, a Fênix. O uniforme do Corpo de bombeiros, também atua situando o leitor no lugar da ação, sendo característica do Rio de Janeiro.

Figura 2 – Tropas à caminho



Fonte: Folha de S. Paulo. 26 de novembro de 2010.

Na segunda imagem, temos a resposta imediata do Estado após os ataques de traficantes a alvos públicos, em uma suposta represália ao crescimento e implantação das UPP's nas favelas do Rio de Janeiro. O Estado parte para o combate corpo a corpo, utilizando-se de um potencial de violência ainda maior que os utilizados pelo tráfico, o que fica bem representado na figura do BOPE (Batalhão de Operações Especiais) e seus armamentos, e no apoio militar recebido, inclusive de um tanque de guerra.

O uso do plano médio ainda se configura, atuando na contextualização do fato: um grupo de policiais fortemente armados se desloca até o local de um possível confronto com traficantes. Sobre a composição podemos afirmar que boa parte do valor informativo desta fotografia encontra-se na perspectiva acentuada existente, que até mesmo foi valorizada pelo corte da imagem na publicação do jornal. Lendo a imagem da esquerda para a direita, temos a sensação do movimento das tropas a caminho do conflito.

A estética do flagrante, que ocupa um lugar privilegiado no jornalismo brasileiro, está reafirmada no caso desta imagem, na qual passar a informação se tornou mais importante do que a forma com que este fenômeno se dá, um bom exemplo de como os elementos de significação se tornam singulares em uma imagem que supõe o automatismo. Os uniformes e armamentos dão uma ideia rasa de contextualização sobre o fato de uma maneira geral, e na contramão, procuram explorar e legitimar a força e o caráter violento inerente à atuação do Estado.

Figura 3 – Civil e militar feridos



Rogério Cavalcante (de branco), 34, ferido na barriga em tiroteio no morro do Alemão



O soldado Walbert Rocha da Silva, 25, baleado na coxa direita, é socorrido por policial em cenário do complexo de favelas

Fonte: Folha de S. Paulo. 27 de novembro de 2010.

As duas imagens escolhidas pela *Folha de S. Paulo* para estampar a capa do jornal no dia 27 de novembro de 2010, dialogam na medida em que mostram duas vítimas não fatais do primeiro conflito entre as forças do Estado e traficantes no Complexo do Alemão. Mais uma vez, as fotografias utilizadas exercem seu poder de atração pelo uso do choque relacionado à violência. A decisão de reiterar que não apenas o Estado havia sido atacado, como também a sociedade de uma maneira geral, dá-se através do fato de que tanto um civil quanto um militar foram baleados no conflito com integrantes do tráfico. Em ambas as imagens, a intenção é mostrar, chocar, e reafirmar a premissa de que a ocupação do morro é mais do que necessária para que a “paz” possa voltar à vida dos moradores da favela.

Como as duas imagens foram produzidas, cada uma a seu modo, no calor dos acontecimentos, os fatores estéticos relacionados à construção da mensagem fotográfica estão todos subordinados à principal preocupação do fotojornalismo: registrar os acontecimentos durante o período em que se desenrolam, apoiando-se assim no mito da fotografia como representação “fiel” da realidade, de se mostrar ao leitor o que “de fato” ocorreu nos momentos do tiroteio.

Temos dois planos médios, comprovando que por seu alto grau de descrição é o mais utilizado no jornalismo, ainda mais neste caso de situação específica, em que o instante fugidivo deve ser capturado. Na maneira em que a composição foi empregada nas fotografias, há evidências do pensamento ligado apenas ao flagrante e ao sentimento

de que antes de qualquer coisa o fato deve ser fotografado, não importando o arranjo estético.

Como exemplo, temos o plano *plongée*, na segunda fotografia, que apesar de presente, de forma alguma intenciona desvalorizar a imagem do soldado baleado no conflito. De fato, sugere que o fotógrafo ao passar em pé por aquela cena, simplesmente sacou sua câmera e fotografou sem ter a preocupação de agachar ou qualquer outro movimento. O acontecimento se mostrava a ele, era uma cena forte, que renderia uma primeira página, e o *click* foi instantâneo, sem tempo para o pensamento em torno da construção de uma mensagem.

Sem dúvida, há um intenso movimento nas duas imagens, uma vez que estas registram o desenrolar dos fatos no calor do momento. Como havíamos afirmado, a estética do flagrante utiliza-se desse recurso para chamar a atenção do leitor, e ela o faz de modo que ao revelar o instante único da ação, outras possibilidades de interpretação sobre o fato sejam suprimidas. Esta fotografia também dialoga com a função referencial da linguagem, pois “seria então construída em bases convencionais, elaborada em função de certa repetitibilidade das normas do código, produzindo informações... sem ambigüidades” (CHALHUB, 1981, p. 10).

Neste contexto, as imagens de dois feridos a bala, encaixa-se perfeitamente no tema principal, tiroteio.

O fotógrafo ao fazer esta imagem, exclui qualquer possibilidade de outra interpretação em relação ao fato, ele cria uma mensagem para ser consumida sem ruídos, uma mensagem legível instantaneamente. Quando pensamos nos efeitos que essa imagem produz, percebemos que estão baseados na emoção de quem observa, muito mais do que na reflexão sobre o fato retratado. (MARTINS, 2009, p.58).

O Estado age, invade... E a paz?

Figura 4 – Olhar



Fonte: Folha de S. Paulo. 28 de novembro de 2010.

Supondo a proposta desta imagem, temos no elemento humano, a tentativa de mostrar a tensão vivida antes do combate e a situação de *stress* do soldado. Assim, o uso do plano detalhe colabora no intuito de sintetizar no elemento humano a pressão sofrida por toda a corporação.

[...] por ter pouco poder de informação, esse enquadramento é pouco utilizado no fotojornalismo. E, quando o é, normalmente é para registrar o olhar de angústia, arrependimento, espanto ou medo de alguém sem necessariamente conferir-lhe a identidade. (BONI, 2000, p. 73).

Sobre a composição, o plano de tomada evidencia o olhar do soldado, que ocupa dois terços da imagem. Adotando as regras dos terços, na horizontal existe uma divisão simétrica entre o símbolo do militarismo contido no capacete, o elemento humano, e a blindagem da máquina. Este efeito, de fato, sugere uma sensação claustrofóbica do homem aprisionado, que dialoga com o olhar de tensão.

Figura 5 – Saltos



Após ocupação da polícia, crianças brincam na piscina da casa de um dos chefes do tráfico no Complexo do Alemão, no Rio
Fonte: Folha de S. Paulo. 29 de novembro de 2010.

Através do contraste evidente entre casa de luxo (pertencente ao traficante) e barracos, assim como a aparente felicidade contida na brincadeira, ao redor de um ambiente austero, a fotografia sugere que a paz foi instaurada definitivamente no morro. Como fica nítida a intenção de trabalhar com os contrastes, o Plano Geral se apresenta com o ambiente dividindo espaço com elementos móveis e vivos, no entanto aquele ainda prevalece, caracterizando o contraste entre favela e mansão.

A composição também trabalha com um contraste de planos, em que no primeiro há a valorização da brincadeira, alegria e suposta paz, enquanto no segundo, a disposição desordenada dos barracos revela o caos. De beleza estética pouco comum no jornalismo diário, esta imagem aparentemente simples possui um forte poder de sugestão. A ideia de que a paz vigora no Complexo do Alemão é reforçada pela alegria infantil que se dá dentro da casa de um dos traficantes que fugiram. Notadamente existe a preocupação com a disposição dos signos na imagem, o que faz com que esta fotografia se aproxime de um efeito de interpretação longe do automatismo comum na fotografia de choque.

Figura 6 – Bandeiras



Bandeiras do Brasil e da Polícia Civil, hasteadas no morro

Fonte: Folha de S. Paulo. 29 de novembro de 2010.

Também nesta imagem, a intencionalidade do fotógrafo fica explícita através do cuidado evidente com a disposição dos signos na construção da mensagem, e esta é clara: o Estado chega ao morro. Polícia e símbolos nacionais evidenciam o controle e ordem restaurados. Cabe aqui, até mesmo, levantar a questão da fotografia “armada”, imaginando que tamanha qualidade técnica (ou sorte) na composição, situando os símbolos nacionais e estaduais acima dos casebres de madeira, possa ter tido o consentimento do policial retratado.

A composição trabalha com três elementos: bandeiras, favela e polícia, de maneira que o morro aparece de pano de fundo para os símbolos do Estado. O plano médio tão usado no fotojornalismo também se configura caracterizando o sujeito e ambiente, no entanto, de uma maneira poética. O principal significado desta fotografia não se encontra na superfície de sua imagem, mas sim dentro de um contexto mais complexo de significados que envolvem sua historicidade.

Existe o poder de referência, trata-se de um policial no alto de um morro ocupado, no entanto, há outros significados a partir de uma análise iconológica, como definiu Boris Kossoy (2001, p.46):

É este o momento de uma incursão em profundidade na cena representada, que só será possível se o fragmento visual for compreendido em sua interioridade. Para tanto, é necessária, a par de conhecimentos sólidos acerca do momento histórico retratado, uma reflexão centrada no conteúdo. (KOSSOY, 200, p.46).

Primeiramente, esta imagem é um signo ideológico muito forte, na medida em que condensa em si mesma, em sua própria estrutura organizacional, significantes que apresentam um conflito de forças que se dá na simbologia, mas também no mundo real. Assim como os signos bandeira nacional e polícia rodeiam e enxergam de cima o signo favela, na realidade concreta esta situação se dá da mesma forma. Isto porque, o Estado se faz presente na favela, porém somente com o seu braço armado, o que confere ao local favela uma marca de criminalização.

Conseqüências e um final (in)feliz

Figura 6 – TV e chinelo



Moradores do Alemão (zona norte) mostram TVs danificadas durante revista na favela

Fonte: Folha de S. Paulo. 30 de novembro de 2010.

A proposta aparente desta fotografia é mostrar o prejuízo material, resultado da invasão policial. Porém, o elemento humano é excluído através do plano detalhe que

prioriza os televisores quebrados e também as mãos e os pés de quem segura os aparelhos, provavelmente moradores do Complexo do Alemão.

A composição opta por valorizar o contraste entre os modernos aparelhos de TV e os moradores com vestimentas simples – pé com chinelo e bermuda, sem camisa. São também a televisão e os trajés das pessoas, os elementos de significação mais interessantes nessa imagem. Para além do fato de que é comum vermos pessoas vestidas assim durante os dias de verão carioca, podemos perceber nesta fotografia traços do que podemos chamar de modernização tardia brasileira. Esta fez com que a economia do país crescesse, porém de forma a excluir a massa da população dos benefícios da acumulação e do progresso técnico. O mercado cresceu e supostamente também o poder aquisitivo, no entanto, a sociedade continua com problemas arcaicos como o da moradia.

Figura 7 – Granadas e o fim do ciclo



Fonte: Folha de S. Paulo. 01 e 02 de dezembro de 2010.

Na fotografia da esquerda é mostrado o resultado efetivo da invasão das forças do Estado ao Complexo do Alemão. Nas granadas apreendidas o plano detalhe evidencia o “logo” do Comando Vermelho, principal facção criminosa do Rio de Janeiro. O plano de tomada escolhido enfatiza as iniciais da facção nos explosivos,

assim como valoriza a quantidade dos mesmos, deixando o leitor sem saber quantas unidades, dezenas ou centenas foram apreendidas.

A ausência de delimitações, que cumpririam o papel de bordas ou moldura, gera uma “sensação de infinito” fazendo-nos ler além das margens da fotografia. O quadro fílmico é centrífugo: ele leva o olhar para longe do centro, para além de suas bordas; a ficcionalização do não-visto. Ao contrário, o quadro pictórico é centrípeto: ele fecha a tela pintada sobre o espaço de sua própria matéria e de sua própria composição (AUMONT, 2004, p.111). Os elementos de significação desta imagem (granadas) formam a textura que passa a ideia de precariedade, a composição baseia-se nessa textura para produzir sua significação.

“Encerrando” o ciclo do fogo, a fotografia da direita mostra a polícia incinerando, em um dos fornos da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), as drogas apreendidas no Complexo do Alemão. O Plano Médio é o escolhido para mostrar a interação equilibrada entre homem e ambiente e a composição utiliza-se da regras dos terços para organizar três fortes elementos de significação: o forno, o elemento humano, e a chama.

Após a veiculação desta fotografia, nenhuma outra imagem sobre a intervenção policial no Complexo do Alemão foi divulgada na capa da *Folha de S. Paulo*. Isto reforça a ideia de que o jornal contou uma história com começo, meio e fim, de forma a esvaziar a questão da violência no Rio de Janeiro, na medida em que não apresentou possibilidades distintas do senso comum ao leitor pouco informado. Com o fogo dos ataques de traficantes se iniciou a narrativa, dando margem para uma sequência de fatos: contra-ataque do Estado, “pacificação” da favela, apreensão de armas e, por fim, incineração das drogas. Ao leitor que acompanhou a história ficou a mensagem falaciosa de que grande parte dos problemas no Morro do Alemão foi resolvido através da força militar.

Considerações finais

Para concluir, podemos afirmar, considerando o papel relevante da mídia na contemporaneidade, sobretudo no que tange a opinião pública, que a cobertura realizada pela *Folha de S. Paulo* cumpriu o papel de esvaziar o conteúdo político-ideológico inerente a questão da segurança pública no Rio de Janeiro. Não apenas as fotografias, mas também o discurso imagético da cobertura da invasão da Vila Cruzeiro e do Morro do Alemão foi realizado em consonância com o poder estatal. Historicamente, as favelas se tornaram o lugar de perigo para as classes dominantes, o espaço social físico e simbólico a ser controlado. Ligadas a um processo de urbanização caracterizado pelo favorecimento das elites, a favela se insere em um contexto de “apartheid social”.

A cobertura do jornal atualizou essa percepção, obscurecendo a complexidade histórica e social – assim como a desigualdade latente - que constitui a formação e existência das favelas e que, portanto, mantém e presentifica um vínculo estreito com o controle, a repressão e atualmente, a implantação das UPP’s. Repetiu-se a máxima secular de que os problemas sociais no Brasil são “casos de polícia”, alimentando a crença no mito da ausência de um conflito de classes no país.

Utilizando-se da estratégia discursiva do choque, passando pela espetacularização do conflito, a *Folha de S. Paulo* propagou primeiro a ideia de que a sociedade havia sido atacada pelo tráfico e que uma resposta incisiva era necessária por parte do Estado, para em seguida legitimar a força e repressão policial dentro da favela em nome de uma paz fictícia, que não se sustenta sob o olhar crítico e social. Esperamos que essa análise – do momento inicial da implantação da política das UPP’s no Rio de Janeiro - possa auxiliar nos estudos sobre a manipulação da mídia a cerca do tema, especialmente hoje, quando notamos um acirramento desse conflito nas favelas cariocas.

Referências

ÁLVARO, Ferreira. Favelas no Rio de Janeiro: nascimento, expansão, remoção e, agora, exclusão através de muros. **Biblio 3W** - Revista Bibliográfica de Geografia y Ciencias Sociales. Barcelona, Vol. XIV, nº 828, 25 de junho de 2009.

AUMONT, Jacques. **O olho interminável** [cinema e pintura]. São Paulo, Cosac & Naify, 2004.

BONI, Paulo César. **O discurso fotográfico**: a intencionalidade de comunicação no fotojornalismo. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Universidade de São Paulo, São Paulo. 2000.

CHALHUB, Samira. **Funções da linguagem**. São Paulo, Editora Ática, 2002.

GRANJA, Patrick; CHALITA, Guilherme. RJ: Moradores se levantam contra UPP na favela do Jacarezinho. **A nova Democracia**. Disponível em: <<http://www.anovademocracia.com.br/no-108/4661-tj-moradores-se-levantam-contra-upp-na-favela-do-jacarezinho>>. Acessado em: 15 Abr. 2014.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo, Ateliê Editorial, 2001.

MARTINS, Lucas de Toledo. **Entre o “instante decisivo” e o flagrante jornalístico** – efeitos de sentido em fotografias vencedoras do Prêmio Esso de Fotojornalismo. Trabalho de Conclusão (Curso de Comunicação Social - Jornalismo). Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2009.

MATTOS, Romualdo Costa. “Aldeias do Mal”. **Revista de História**. 31 Out. 2007. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/capa/aldeias-do-mal>>. Acessado em: 09 de jan. 2014.

TIROTEIO assusta moradores do Complexo do Alemão. **G1**. 9 Abr. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/04/tiroteio-assusta-moradores-do-complexo-do-alemao-no-rio.html>>. Acessado em: 15 Abr. 2014.

VALLADARES, Lícia. A gênese da favela carioca: a produção anterior as ciências sociais. **RBCS**, vol. 15, nº 44, 2000. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/rbcso/v15n44/4145.pdf>. Acessado em: 10 de fev. 2014.

VIGNA, Anne. Amarelido: a história do pedreiro desaparecido após ser detido em UPP. **Terra**. 30 jul. 2013. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/brasil/cidades/amarildo-a-historia-do-pedreiro-desaparecido-apos-ser-detido-em-upp,7f0a8e609df20410VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html>>. Acessado em: 10 Abr. 2014.